

REDES FEMINISTAS PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Amanda Motta Castro¹
Sara Amelia Espinosa Islas²
Desirée Pires³

Resumo: Este texto tem como objetivo discutir a formação das redes feministas, em especial a *Red Feminismos Cultura y Poder*, criada no México, e o Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez, no Brasil. Ambas as redes são compostas por feministas pesquisadoras que também atuam como docentes em universidades públicas. A *Red Feminismos Cultura y Poder* conta com a participação de professoras da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), no México, enquanto o Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez é composto por docentes da Universidade Federal do Rio Grande. Após o estabelecimento dessas redes, outras professoras também se uniram a elas com o objetivo de formar redes de apoio, fortalecimento e desenvolver novas formas de trabalho, além de criar abordagens transformadoras para a docência na América Latina. É importante ressaltar que essa união nos mostra que não estamos sozinhas.

Palavras-chave: Redes Feministas. América Latina. Educação Transformadora. Extrema-direita. Movimento #Elenão.

FEMINIST NETWORKS FOR TRANSFORMATIVE EDUCATION

Abstract: This text has by objective to discuss the formation of feminist networks, especially the Red Feminismos Cultura y Poder, created in Mexico, and the Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez, in Brazil. Both networks are composed of feminist researchers who also work as professors in public universities. Red Feminismos Cultura y Poder has the participation of professors from the Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), in Mexico, while the Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez is composed of professors from the Federal University of Rio Grande (FURG). After the establishment of these networks, other teachers also joined them with the aim of forming support networks, strengthening and developing new ways of working, in addition to creating transformative approaches to teaching in Latin America. It is important to emphasize that this union shows us that we are not alone.

Keywords: Feminist Networks. Latin America. Transformative Education. Extreme right. #Elenão Movement.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/FURG e docente do Departamento de Educação da mesma instituição. Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS; foi bolsista CAPES durante (2009-2015) e realizou Estágio de doutoramento na Universidad Autonoma Metropolitana del México - UAM, no departamento de Antropologia. Trabalha com os seguintes temas de pesquisa: Feminismo, Educação Popular, Arte Popular e desigualdades sociais. E-mail de contato: motta.amanda@gmail.com.

² Profesora de la Facultad de Medicina y Psicología y de la Facultad de Economía y Relaciones Internacionales de la Universidad Autónoma de Baja California. Integrante de la Red Feminismo(s), Cultura y Poder. Diálogos desde el Sur. Consultora de OSC y Política Pública con enfoque feminista interseccional. E-mail de contato: saislas@gmail.com.

³ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2021. Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2017. Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (PPGEDU/FURG) entre 2020-2021. Compõe o Grupo de Pesquisa e Estudo Interdisciplinar Lélia Gonzalez (CNPq). E-mail de contato: desireepires@gmail.com.

REDES FEMINISTAS PARA LA EDUCACIÓN TRANSFORMADORA

Resumen: Este texto tiene como objetivo discutir la formación de redes feministas, especialmente la Red Feminismos Cultura y Poder, creada en México, y el Grupo de Pesquisa Lélia González, en Brasil. Ambas redes están compuestas por investigadoras feministas que también ejercen como docentes en universidades públicas. Red Feminismos Cultura y Poder cuenta con la participación de maestras de la Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), en México, mientras que el Grupo de Investigación Lélia González está integrado por maestras de la Universidad Federal de Rio Grande. Luego del establecimiento de estas redes, otras maestras también se sumaron a ellas con el objetivo de formar redes de apoyo, fortalecer y desarrollar nuevas formas de trabajo, además de crear enfoques transformadores de la enseñanza en América Latina. Es importante recalcar que esta unión nos demuestra que no estamos solas.

Palabras clave: Redes Feministas. América Latina. Educación Transformadora. Derecha extremal. #MovimientoElenão.

Introdução

“Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. Contudo a mãe negra dentro de cada um de nós - a poeta dentro de cada um - sussurra em nossos sonhos: Sinto, logo posso ser livre.” Audre Lorde

Este texto é a união entre mulheres que, em sua diversidade, problematizam seus cotidianos e vivências. Não se contentando aos lugares a elas destinados socialmente, constroem redes de saberes entre os muros acadêmicos, as quais posteriormente se estendem em nível regional, nacional e internacional.

Dessa forma, o presente texto busca discutir a formação de duas redes feministas: a *Red Feminismos Cultura y poder* criada no México, e o Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez, criado no Brasil. Essas redes são organizadas por professoras feministas que exercem a docência em Universidades públicas do Brasil e do México. Ambos os grupos possuem como ponto em comum a formação e o fortalecimento durante um contexto político-social marcado pelo fortalecimento das políticas neoconservadoras e intensificadas pela pandemia da Covid-19.

Por conta disso, para que pudéssemos acalmar as angústias diante de um futuro incerto, nos reunimos em *rede*. Apesar de diversas em nossas trajetórias e vivências, formamos um *tecido* forte e que, na amorosidade, fomos capazes de unir forças para que pudéssemos continuar reivindicando os nossos direitos sociais. Denunciamos e resistimos às políticas conservadoras dos últimos anos, traçando novas estratégias de enfrentamento aos problemas cotidianos da população que se encontra às margens da sociedade.

O encontro dessas mulheres em *rede*, produziu uma série de saberes acadêmicos, presentes em pesquisas, escritas e projetos, mas sobretudo, identificou mesmo que virtualmente devido ao contexto, espaços de acolhimento e de resistência frente às políticas de retrocesso vigentes em nossa América Latina.

A onda conservadora na América Latina

Na última década, presenciamos uma ascensão de governos de extrema direita e conservadores no mundo todo, mas aqui especificamente, nos ateremos aos países da América e ao Brasil. A partir das eleições nos Estados Unidos em 2017 e da vitória massiva de Donald Trump neste mesmo ano, aguçamos nosso olhar e passamos a refletir ainda mais sobre os perigos da ascensão da extrema direita, sobretudo em países periféricos.

No entanto, outros países, inclusive o Brasil, já davam sinais de que essa onda não iria passar de forma tão fácil. Ao seguir para a América Latina de maneira geral, podemos destacar os seguintes presidentes caracterizados como adeptos de uma política de extrema direita: Sebastián Piñera no Chile (2010-2014 / 2018-2022); Horacio Cartes no Paraguai (2013-2018); Iván Duque na Colômbia (2018-2022); Alejandro Maldonado na Guatemala (2015-2016); Jeanine Áñez na Bolívia (2019-2020); Jair Messias Bolsonaro no Brasil (2018-2022).

A onda conservadora, também chamada de maré azul, simboliza uma resposta à chamada onda rosa, que teve início no final dos anos 1990 com a vitória de governos progressistas na América Latina. De acordo com Bruna Maciel (2021), a maré azul teve início com a crise econômica nos Estados Unidos em 2008 e uma forte organização midiática em favor do conservadorismo por parte das elites dos países latinos insatisfeitas com os avanços sociais.

Para Flávia Biroli (2020), embora essa direita reúna atores com perfis ideológicos diferentes, eles têm como ponto em comum a rejeição às políticas de direitos humanos e aos tratados internacionais que garantem direitos para as populações periféricas. Por ter um forte apelo voltado ao conservadorismo religioso, esses grupos de extrema direita transformam os movimentos sociais em inimigos políticos e, por meio de várias estratégias, principalmente apelos midiáticos, deslegitimam as agendas em favor da justiça social.

Em nome dos “valores familiares” organizam ações contra os direitos das mulheres, dos negros (as) e das pessoas LGBTQIA+. Dessa maneira, o conservadorismo latino-americano (BIROLI, 2020) caracteriza-se pela coalização entre os avanços dos movimentos feministas, LGBTQIA+ e negro entre grupos cristãos e religiosos de direita. Esses grupos, ameaçam os direitos historicamente conquistados pelos movimentos sociais, assim como o Estado laico de direito.

No caso brasileiro, a vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2018 refletiu a consolidação no país do que é chamado de onda azul no restante da América Latina. Ao considerar o delineamento do conservadorismo religioso no Brasil, percebemos uma forte ascensão do pentecostalismo e um declínio significativo do catolicismo, resultando em uma reestruturação da moral religiosa para ser percebida como ética pública. Um exemplo disso é o combate à "ideologia de gênero".

A crise política instaurada na última década, reflexo do fortalecimento do conservadorismo, contribuiu para o Golpe de 2016, que resultou no impeachment da presidenta democraticamente eleita, Dilma Rousseff. Esse episódio evidenciou a fragilidade da democracia brasileira e abriu caminho para o fortalecimento de figuras políticas excêntricas, que inicialmente não pareciam representar uma ameaça devido aos absurdos proferidos, mas ganharam força após o golpe. O golpe de 2016 não foi apenas um golpe contra a presidência, mas também contra a democracia, as mulheres e todas as minorias sociais do país. Foi um golpe profundamente articulado pela grande mídia, pelo sistema judiciário, partidário e pelo empresariado (CASTRO; CAETANO, 2019).

No meio desse contexto, o nome de Jair Messias Bolsonaro foi ganhando espaço ao longo dos anos de articulação do golpe, e ele se tornou candidato às eleições presidenciais de 2018. Entretanto, Bolsonaro não apresentava uma “nova” política. Ele é um ex-capitão do exército brasileiro, do qual foi expulso por conduta imprópria e, como vingança, planejou uma série de pequenas explosões em vários quartéis para demonstrar seu descontentamento. Provavelmente por proteção de oficiais superiores, uma breve investigação concluiu que ele não deveria sofrer penalizações. Dessa forma, aos trinta e três anos, aposentou-se. A partir disso, Bolsonaro tornou-se político profissional, sendo eleito vereador do Rio de Janeiro poucos meses depois desse acontecimento (ANDERSON, 2020).

Em 1990, Bolsonaro elegeu-se como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro e foi reeleito seis vezes, totalizando vinte e sete anos no cargo político. Durante esse período, sua carreira parlamentar se constituiu basicamente à discursos de ódio, apologia à ditadura e à tortura. Seus discursos exaltavam as forças armadas, pediam pena de morte, porte legal de armas e atacavam diretamente os direitos das mulheres e da comunidade LGBTQI+. Em certa ocasião, insultou a deputada e ex-ministra dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, atacando-a a partir de suas palavras: “Já disse que não a estuprava porque ela não merece”⁴.

Além dos discursos de ódio proferidos, Bolsonaro legitimava ainda mais o discurso misógino em defesa da "família tradicional". Não é mera coincidência que a ascensão do conservadorismo nas eleições de 2014 resultou em um quadruplicamento dos votos para o então deputado federal. Na época, esse salto nos votos passou despercebido, sendo um resultado amplificado pela crise econômica e pelo antipetismo. Quando mencionamos o antipetismo, não nos referimos apenas à fixação que os grupos conservadores têm em relação à figura de Luís Inácio Lula da Silva, mas também à revolta por ter uma mulher ocupando um cargo de tanto poder, capaz até mesmo de ferir a democracia brasileira.

Diante desses fatores apresentados, percebemos que o conservadorismo no Brasil avançou rapidamente na última década e ainda persiste. Não podemos garantir que a democracia esteja totalmente assegurada, mesmo que recentemente tenhamos conseguido eleger presidentes mais progressistas no Brasil e na América Latina. Os movimentos sociais estão cientes mais do que nunca acerca da fragilidade da nossa democracia. Só tivemos alguns mínimos avanços devido à pressão dos movimentos sociais e aqui, especificamente, do movimento feminista.

As *redes feministas* formadas para resistir ao avanço do conservadorismo e suas políticas de “morte” foram fundamentais na defesa e promoção de uma educação em direitos humanos no Brasil, país onde a crise foi intensificada pela pandemia da COVID-19.

Antes de apresentarmos as redes feministas formadas no México e no Brasil, não podemos deixar de mencionar o Movimento #EleNão. Apesar de sua excentricidade, essa foi uma das primeiras organizações de mulheres, utilizando as redes sociais formada especificamente para combater as políticas de extrema direita no Brasil, tornando visível a

⁴ “Já disse que não estupro, porque você não merece”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/10/politica/1418170279_872754.html. Acesso em: 21 set. 2020

força das mulheres na luta contra o conservadorismo em nossa América Latina. Isso porque ele surgiu dentro do movimento feminista, mas à medida que ganhou força, recebeu apoio de outros movimentos sociais, uma vez que seu objetivo era um ponto comum entre todas as populações historicamente invisibilizadas.

Em resumo, o movimento surgiu nas redes sociais e posteriormente ocupou os espaços públicos, com manifestações em várias cidades do Brasil e do exterior. O movimento #EleNão foi organizado por mulheres diante do conservadorismo instaurado no Brasil, que atingiu seu ápice em 2018, com a iminente vitória de Jair Messias Bolsonaro.

Esse movimento evidenciou o feminismo como uma das principais frentes de combate aos retrocessos sociais e na promoção de uma educação política em direitos humanos. Além disso, as plataformas digitais se mostraram potencializadoras para o movimento de mulheres, permitindo uma forma de comunicação mais horizontal, interativa e sem hierarquias (PIRES, 2021).

Dessa forma, podemos dizer que o Movimento #EleNão abriu caminho para a organização de diversos movimentos de mulheres e exerceu influência na formação das duas redes feministas que serão apresentadas posteriormente. Diante da ausência, falta ou impossibilidade de organização política das mulheres em espaços públicos, o espaço online se apresenta como um meio potente e viável para construção de uma educação feminista para/pelas mulheres. Importante destacar que o Brasil é o 3º país no mundo em acesso as redes sociais, temos hoje 131.506 milhões⁵ de contas ativas.

Rede Feminismo(s), cultura e poder. Diálogos do Sul no México

Nas últimas duas décadas, a presença dos feminismos e das feministas tem sido imparável em vários cenários, lutando para alcançar e melhorar as condições de vida das mulheres. No entanto, juntamente com conquistas como a Lei Olímpia⁶, também

⁵ Dados disponíveis em <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-no-mundo/>. Acessado em agosto de 2023.

⁶ México aprova lei que pune pornô de vingança e 'cyberbullying' com seis anos de prisão. Lei Olímpia proíbe divulgação de imagens com conteúdo íntimo e sexual reverificação de longa data do movimento feminista. Ler notícia disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-06/mexico-aprova-lei-que-pune-porno-de-vinganca-e-cyberbullying-com-seis-anos-de-prisao.html>. Acessado em agosto de 2023.

testemunhamos graves retrocessos a Lei dos Três⁷, e problemas endêmicos que continuam marcando a desigualdade, a violência e a discriminação. Um dos exemplos mais contundentes são as múltiplas formas de violência de gênero, que continuam tirando a vida de milhares de mulheres, meninas e adolescentes em todo o país.

Por outro lado, na última década, tem-se observado e apontado problemas antigos, como assédio e assédio sexual nos espaços de trabalho, acadêmicos e comunitários. Isso desencadeou várias ações e manifestações em torno do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, como a realizada pelos estudantes em varais físicos e virtuais em praticamente todas as entidades mexicanas e até mesmo em greves, como a realizada pelos estudantes das cinco unidades acadêmicas da Universidad Autónoma Metropolitana, que começou em 9 de março de 2023 e durou cerca de dois meses.

Além disso, em todo o país, são realizadas diversas ações, como passeatas e ocupação de espaços públicos, para exigir do Estado e da sociedade o fim contundente da violência contra mulheres, meninas e adolescentes, assim como a efetivação do acesso à justiça, a proteção de nossos direitos e o acesso a uma vida plena e com pleno gozo de nossos direitos.

Esses tipos de ações são possíveis graças ao fato de que, dentro da luta das mulheres, costumam ser tecidas redes de simpatia e amor de acompanhamento, empatia e associação que nos dão a oportunidade de lutar, resistir e conseguir. São ações que só são possíveis coletivamente.

Ao refletir sobre o significado das redes de mulheres em uma práxis feminista e como as construímos em conjunto, chegamos à conclusão de que as redes de mulheres começam a ser formadas desde a infância, quando começamos a perceber as limitações impostas pelo espaço público. Basta pensar nas dinâmicas que surgem nos primeiros anos de escola, onde nos ensinam que o recreio é apropriado para os meninos e é esperado que as meninas se reúnam ao redor deles. Isso nos leva a formar as primeiras redes para reivindicar espaço e começar a compartilhar e nos identificar.

⁷ Republicanos da Câmara aprovam projeto que amplia muro na fronteira EUA-México. Notícia disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/05/11/republicanos-da-camara-aprovam-projeto-que-amplia-muro-na-fronteira-eua-mexico.htm?cmpid=copiaecola> México rejeita leis estaduais dos EUA alegando que induzem discriminação. Notícia disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/07/01/interna_internacional.1515012/mexico-rejeita-leis-estaduais-dos-eua-alegando-que-induzem-discriminacao.shtml

As redes são vitais para nossa existência e subsistência, porém, mulheres feministas ressignificam essas redes, que são espaços de amor, cumplicidade, associação, cura em momentos críticos, alegria, afeto e espaços onde nos sentimos plenas, seguras, acompanhadas, ouvidas e em que podemos dar vazão, mas também ações, construções e obras nas quais apostamos que outras formas de existência e de relacionamento diferentes daquelas ditadas nos sistemas patriarcais, tradicionais e institucionais que se ditam de forma hierárquica. Tentamos tecer coletivos horizontais, criativos e relacionamentos disruptivos.

Em outubro de 2019, no Centro de Estudos Superiores do México e América Central (CESMECA) da Universidade de Ciências e Artes de Chiapas (UNICACH), um grupo de mulheres feministas de diferentes partes do México, Brasil, Argentina e Estados Unidos decidiu se reunir para compartilhar inquietações, desconfortos, esperanças e apostas na busca por formas de trabalho mais horizontais, baseadas em experiências e saberes político-pessoais, e na certeza de que não estão sozinhas ou isoladas em suas práticas nos diversos espaços em que atuam.

A Rede Feminismo(s), cultura e poder “Diálogos do Sul” é um espaço de articulação, sinergias e trabalho coletivo feminista, livre, autônomo e politicamente localizado no Sul, com o lema de criticar a geopolítica do conhecimento de e de nossos lugares — ou não lugares — de trabalho acadêmico e ativista em prol da consolidação de uma proposta de rede que não seja registrada exclusivamente no mundo acadêmico, suas relações de poder e sua burocracia. Nesse sentido, a rede não é apenas um espaço, mas a própria ação de construir redes epistemológicas e trabalhos políticos ativistas em que nos movemos... é a relação entre cultura e poder (Feminismo(s) Vermelho(s), Cultura e Poder. Diálogos do Sul, 2019, p. 1).

Nas reflexões compartilhadas, abordamos vários desconfortos relacionados à nossa condição como acadêmicas feministas: "Referimo-nos, em particular, à desvalorização de nosso trabalho, à sua pouca difusão e às perseguições e violências que enfrentamos ao criticar o poder patriarcal e colonial presente nas instituições acadêmicas" (Red Feminismos, Cultura y Poder. Diálogos do Sul, p. 1). Além disso, identificamos a banalização do trabalho feminista, juntamente com uma série de perseguições e violências que enfrentamos ao questionar o poder patriarcal e colonial, o que nos levou a buscar formas respeitadas de articulação, onde compartilhamos, caminhamos e agimos em um espaço seguro, pactuado e horizontal, reconhecendo nossas existências.

Para compreender a importância do acordo ou pacto, Lorena Cabnal afirma que é "a ação pessoal e coletiva de nossos corpos indignados com as injustiças que outros corpos vivenciam. É a energia política para resistir e agir contra as múltiplas opressões patriarcais, coloniais, racistas e capitalistas... Ela nos dá proximidade, indignação coletiva, mas também revitalização e novas forças para recuperar a alegria sem perder a indignação" (CABNAL, 2015, s/p).

Assim, a Rede Feminismo(s), Cultura e Poder. Diálogos do Sul, é o espaço de existência e resistência, onde compartilhamos, discutimos e construímos epistemologias, metodologias e experiências. É o lugar onde recarregamos energias, encontramos alegria e também momentos de descanso e apoio quando nossos corpos se cansam. Nesse espaço, encontramos apoio, amor, abraços e palavras de conforto para continuarmos firmes em nossas trincheiras.

A rede foi fundamental nos momentos em que a pandemia da Covid-19 nos perseguiu. Através da rede e da distância, participamos de seminários, colóquios, conversas e encontros que curaram nossos corações e nos mantiveram informadas através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Foi um caldeirão de bruxas que nos permitiu resistir e continuar construindo, desconstruindo e curando em um momento em que fomos vítimas do contágio e tivemos que nos adaptar à chamada "nova normalidade", um cotidiano que trouxe problemas e desafios aos quais enfrentamos de forma criativa, sempre lembrando que nossa melhor vingança e o melhor feitiço antipatriarcal é sermos felizes, cúmplices, acompanhadas, conscientes e dançantes, porque "se não podemos dançar nessa rede, então ela não é nossa rede" (Rede(s) Feminismo(s), Cultura e Poder. Diálogos do Sul, p. 4).

Rede Feminista Lélia Gonzalez no Brasil

O Grupo de Pesquisa e Estudos Interdisciplinar Lélia Gonzalez foi fundado no dia 14 de setembro de 2020. Assim como o Movimento #EleNão, apresentado anteriormente, nosso Grupo foi criado em um período sombrio no Brasil e no mundo, estávamos vivendo um desmonte e sucateamento das políticas públicas voltadas para as populações historicamente excluídas. Presenciamos um golpe contra uma presidente eleita democraticamente e a ascensão de uma extrema direita, marcada por uma política de ódio, que resultou na eleição de um presidente extremista.

Diante desse momento político-social, o Grupo de Pesquisa e Estudo Interdisciplinar Lélia Gonzalez surgiu com o objetivo de criar, desenvolver e compartilhar pesquisas, estudos e "escrevivências". “Reafirmando que nossos passos vêm de longe” nossa proposta tem como referencial as reflexões produzidas pelos feminismos, sobretudo os transatlânticos e com teóricas(os), ativistas e intelectuais comprometidas(os) com as formas de lutas: anti-coloniais, anti-racistas, anti-patriarcal, anti-LGBTfóbicas, anti-elitistas e anti-discriminatórias. Portanto, o Grupo Lélia Gonzalez forja abordagens, análises e reflexões insurgentes, insubmissas de vozes dissidentes, pois sabemos que a resistência de Grupos aguerridos e comprometidos politicamente são importantes, pois forjam ações de resistências e esperanças como nos ensinou Lélia Gonzalez.

Amparadas pelas teorias feministas e da educação popular, buscamos romper com os princípios de fazer ciência a partir de uma posição neutra, buscando uma verdade científica. Sem perder o rigor teórico-metodológico, buscamos uma abordagem feminista e popular da ciência, desconstruindo tais preceitos, pois buscamos uma teoria que politize esse conhecimento (Sardenberg, 2002, p. 91).

Apesar das utopias que impulsionaram a criação do Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez, é importante destacar que sua formação ocorreu em um período de extrema exaustão. Como idealizadoras do grupo, também precisávamos de acolhimento, diálogo e algo que nos mantivesse unidas, especialmente considerando o contexto político vivenciado durante os primeiros movimentos de criação do grupo.

No ano de 2020, em que o grupo foi formado, vivenciamos talvez um dos piores momentos. A crise sanitária decorrente da Covid-19 atingiu seu auge, com um aumento significativo no número de infectados e mortes. Além disso, o governo bolsonarista, ao invés de enfrentar a crise sanitária, adotou uma postura inerte, o que inflamou seus apoiadores com uma política baseada no ódio, principalmente contra mulheres, população LGBTQIA+, população negra e população periférica. Naquele momento, era difícil saber quem era mais perigoso: o vírus ou as políticas bolsonaristas.

Todo esse cenário político caótico poderia ter sido evitado se tivéssemos políticas públicas voltadas para a valorização dos direitos humanos e, acima de tudo, a valorização da vida. O governo de Jair Messias Bolsonaro (infelizmente é preciso nomear para que conste

nos registros) é o grande responsável pelo profundo estado de crise política, econômica e social em que nos encontramos. Mesmo com a vitória de um governo progressista em 2022, levará anos, ou até mesmo décadas, para reconstruirmos tudo o que foi perdido com as políticas baseadas no ódio.

Destacamos, portanto, que a construção deste grupo foi e continua sendo um importante movimento de resistência. É um fato que vivemos em uma sociedade patriarcal (SAFFIOTI, 2015), mas também é uma verdade que estamos caminhando na contramão do que foi estabelecido. As mulheres resistem e se movimentam para mudar essa estrutura. Nesse contexto, a feminista Flavia Birolis (2018) destaca a importância das "transgressões" feministas atualmente:

Os movimentos feministas têm atuado de “fora” (exercendo pressão a partir das ruas) e “dentro” do Estado, participando da construção de políticas e de novos marcos de referência para as democracias contemporâneas no âmbito estatal nacional e em organizações e espaços transnacionais. (BIROLI, 2018, p. 175).

Sendo assim, à medida que fomos construindo nosso trabalho enquanto grupo, em meio a conjuntura política já citada, percebemos que formávamos uma *rede*. Definimos como rede um entrelaçado de fios de espessuras diferentes e tecidos diversos, que juntos podem formar uma malha com espaçamentos regulares. Ou ainda, podemos definir *rede* como um objeto bem conhecido na cultura brasileira, feito de tecido resistente, preso pelas extremidades e que serve tanto para embalar quanto para dormir, ou ainda para a subsistência de muitas pessoas pela pesca em redes junto ao mar e rios. Entre tantos significados para aquilo que entendemos como rede, refletir sobre a etimologia da palavra nos auxilia a exemplificar o que seria uma *rede feminista*: na diversidade daquilo que somos e representamos, formamos um tecido resistente as adversidades que nos são impostas em nosso cotidiano.

O caminho que percorremos na luta nos permite pensar e construir de forma coletiva, nos permite trilhar o caminho do afeto e da ternura, como aponta a feminista Bell (2020). Contextualizar esse movimento de resistência na América Latina é refletir a partir de nossas próprias experiências e "escrevivências", termo cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo. Buscamos resgatar as múltiplas e diversas experiências das mulheres, especialmente

das mulheres racializadas e marginalizadas. Portanto, como afirmamos ao falar do Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez, "nossos passos vêm de longe". E para pensar em redes feministas, também precisamos falar sobre afeto, ternura e coletividade, para que possamos resistir.

Com a construção dos movimentos e redes feministas, o que é tido como “função da mulher” e como espaço que ocupamos vem sendo questionado, inclusive com enfrentamento. Vivenciar e experienciar movimentos e construção de redes feministas, como as que citamos, reafirmam a necessidade de, segundo Hooks,

criarmos teorias feministas e movimentos feministas que falem com essa dor, não teremos dificuldade para construir uma luta feminista de resistência na base das massas. Não haverá brecha entre teoria feminista e a prática feminista. (HOOKS, 2013, p. 104).

Segundo Françoise Vergès (2021), as redes que questionam a estrutura patriarcal têm sido, atualmente, o principal fator instigador das desigualdades entre mulheres e homens, entre brancos e negros, entre heterossexuais e LGBTQIA. A total loucura da eleição do ex-presidente do Brasil, como mencionado anteriormente, demonstrou, por meio de experiências cotidianas, que nenhum dos direitos conquistados pelas pessoas subalternizadas são permanentes. Longe disso, a luta e a vigilância são ações diárias para manter os direitos já conquistados, como nos ensinou Simone de Beauvoir (2009).

Portanto, as pesquisas realizadas durante as atividades do grupo e ao longo do desenvolvimento de nossos encontros resistem e se movimentam em meio ao período que vivemos. Continuamos resistindo e caminhando contra as adversidades, comprometendo-nos com as lutas e compreendendo que a neutralidade ou imparcialidade não são possíveis.

Mesmo nos momentos mais críticos, o grupo permanece forte e atuante, realizando pesquisas, grupos de estudo, cursos de formação e eventos acadêmicos, além de ativismo nas redes sociais. Entre essas ações, destacamos dois eventos realizados pelo grupo: o I Seminário do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares Lélia Gonzalez e o I Congresso Internacional do Grupo.

O primeiro evento, realizado online nos dias 18 e 19 de novembro de 2020, contou com a participação de 1091 pessoas inscritas e foi transmitido ao vivo pela página oficial do grupo. Esse seminário resultou no livro intitulado "Epistemologias Afro Latino Americanas",

que pode ser acessado na página da Editora Liber Ars.

Já o I Congresso Internacional do Grupo Lélia Gonzalez, realizado nos dias 24, 25 e 26 de novembro de 2021, teve como objetivo principal debater questões relacionadas aos movimentos sociais, direitos humanos, gênero, desigualdades sociais, violências, educação popular e teorias decoloniais no campo das ciências humanas e sociais. Nossas reflexões têm como base análises de pesquisas e ações insurgentes e insubmissas, especialmente na América Latina e no Caribe. O congresso reuniu docentes, militantes e ativistas das cinco regiões do Brasil, além de colegas da Argentina, Colômbia, Cuba e Porto Rico. Contou com 25 palestrantes, 06 Grupos de Trabalho (GTs) e a apresentação de 100 trabalhos. Em março de 2022, publicamos os anais do evento, que podem ser acessados gratuitamente na página da Editora FI.⁸

Seguindo o legado de Lélia Gonzalez, buscamos como grupo, ou melhor, como rede feminista, a liberdade das mulheres, da classe trabalhadora, das populações indígenas e da população preta dentro e fora dos muros acadêmicos. Assim, estamos em busca de uma prática feminista e de novas redes de resistência, que sejam teórico-práticas e que busquem apoiar umas às outras por meio de redes de enfrentamento, resistência, apoio e ternura, na persistência feminista de que não estamos sozinhas, caminhamos juntas e misturadas!

Conclusão: Redes feministas para uma educação transformadora

A construção das redes feministas apresentadas no texto reafirma a resistência das professoras feministas nas universidades, especialmente em tempos de profundo ódio e desmantelamento das conquistas e direitos humanos e educacionais. Mesmo em um contexto conturbado, as mulheres se reuniram e criaram espaços poderosos para a construção de conhecimentos. Esses conhecimentos não são necessariamente sistematizados, mas surgem a partir do compartilhamento de experiências.

Aprendemos com as teorias feministas e da educação popular que a educação (com sentido) só é possível se estiver de acordo com a realidade, sabendo respeitar as diferenças de forma a promover uma transformação social.

⁸ Anais do I Congresso do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lélia Gonzalez. Acesso em 20 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/449lelia>

As pesquisas realizadas no interior dessas redes, seja no Brasil ou no México, contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Isso demonstra que resistimos e nos comprometemos com as lutas, sendo impossível sermos neutras ou imparciais diante das injustiças sociais.

No encontro dessas *redes*, buscamos a liberdade de mulheres, da população preta e indígena, da classe trabalhadora, dentro e fora dos espaços acadêmicos, afinal, sabemos que estas populações ainda não são maioria nesses espaços. Lutamos a partir da teoria e da prática feminista, resistindo aos mandos e desmandos que afetam as nossas existências.

As redes criam possibilidades cotidianas de criar abordagens transformadoras para a docência na América Latina. É importante ressaltar que essa união nos mostra que não estamos sozinhas. Retornando a epígrafe desse artigo podemos constatar na experiência a poesia de Audre Lorde, a formação de redes feministas são uma forma importante de criarmos uma educação mais plural e igualitária e através disso podemos em alguma medida sentir, pensar, escrever e ser livre.

Referências

ANDERSON, Perry. **Brasil à parte**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BARTRA, Eli (org.). **Debates em torno de uma metodologia feminista**. México, D.F.: UNAM, 1998.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, Flávia. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

Carlos Rodrigues. **Saber e ensinar: três estudos da educação popular**. Campinas: Papirus, 1986.

CABNAL, L. (2015). *Feminista comunitaria*. Internacionalisme Solidaritat Feminismes. Recuperado 22 de junio de 2023, de <https://suds.cat/experiencies/857-2/>

CASTRO, Amanda; CAETANO, Marcio. **Dilma Rousseff: as eleições e a lógica androcêntrica na política brasileira**. REVISTA ÑANDUTY, v. 6, p. 23-45, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

HOOKE, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020.

HOOKE, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

MACIEL, Bruna. **A onda conservadora latina: eleições no Equador**. 2021. Disponível em: <http://petrel.unb.br/destaques/132-a-onda-conservadora-latina-eleicoes-no-equador>. Acesso em: 30 maio 2023.

PIRES, Desirée de Oliveira. **Educação e Ativismo de Mulheres nas Redes Sociais – um estudo sobre o Movimento #EleNão**. 2021. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação (Ppgedu), Universidade Federal do Rio Grande (Furg), Rio Grande, 2021.

Red Feminismo(s), Cultura y Poder. **Diálogos desde el Sur** (2019). Fundamentos de la Red Feminismo(s), Cultura y Poder. **Diálogos desde el Sur**.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado e violência**. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?** In: COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília M.B (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: NEIM/UFBA:REDOR, 2002.

VERGÈS, Françoise. **Uma teoria feminista da violência**. São Paulo: Editora Ubu. 2021.

Submissão em: 13/07/2022

Aceito em: 15/08/2023

Citações e referências
conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE NORMAS
TÉCNICAS